Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
Disponível em http://www.etnolinguistica.org/index:edelweiss

FREDERICO G. EDELWEISS

ESTUDOS TUPIS E TUPI-GUARANIS

CONFRONTOS E REVISÕES

LIVRARIA BRASILIANA EDITÔRA
RIO DE JANEIRO
1969

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

VI

TRÊS CÓDICES BRASILIANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A

DOUTRINA CRISTÃ EM LÍNGUA IRREGULAR E VULGAR, DO PE. BETTENDORFF.

Dos três códices da Universidade de Coimbra, cuja reprodução fotostática temos em mão, avulta, pela preeminência do seu autor, o ms. n.º 1.089. O seu título completo é:

Doutrina Christaã / Em lingua geral dos Indios do Estado do Brasil / e Maranhão, composta pelo P. Philippe Bettendorff / traduzida em lingoa irregular, e vulgar uzada nestes tempos.

Conta 123 ff; é redigido em latim e na língua-geral da época, um dialeto brasiliano.

A parte latina é incompleta em muitos trechos e contém, aqui e ali, algumas poucas expressões em português, como para facilitar a compreensão.

O tupi, classificado, de *vulgar* e *irregular* no título dêsse catecismo, aproxima-se visìvelmente do que fixou o códice n.º 81, ainda que certas formas léxicas nêle encontradiças, estereotipadas através de século e meio de catequese, lembrem mais o primitivo *Vocabulário na Língua Brasílica* dos jesuítas, isto é: não acompanharam a evolução geral.

Diz o pe. Serafim Leite(1), que a letra é de estrangeiro, mas não de Bettendorff. A conclusão idêntica, quanto ao final, se chega pelo exame da fidelidade do traslado.

(1) — *História da Companhia de Jesus;* tomo VIII; p. 100. As indicações de Serafim Leite deram a sugestão para o pedido.

O copista cometeu uma série de erros na transcrição da parte em língua-geral, que outro mais entendido corrigiu. Essas falhas não poderiam ser atribuídas a Bettendorff, autor do trabalho e, talvez, das emendas.

Para provar o que aí afirmamos e facilitar a comparação entre o tupi antigo e o período inicial do brasiliano também através de um texto, escolhemos pequeno trecho mais fácil da Doutrina na *lingua geral vulgar,* de Bettendorff, que também figura na segunda edição do catecismo tupi de Araújo, cuja impressão foi dirigida pelo mesmo pe. Bettendorff, por ocasião da sua estada em Lisboa, de 1684 a 1688, em que também publicou o catecismo tupi, que traz o seu nome(2).

Os dois textos, que a seguir cotejamos, não são, assim, apenas da mesma época, mas ainda ostentam a chancela da mesma autoridade. Um representa fundamentalmente o falar uniformizado dos tupis segregados, o outro a língua do povo mestiço e alógeno.

CATECISMO BRASÍLICO
do Pe. Antônio de Araújo
DA CRIAÇÃO DO PRIMEIRO HOMEM (p. 47)

1 — P. — Abá pe erimbaé Tupã oî monhang ypy ybypóramo?(4).

R. — Asé rubypyrama(5).

(2) — *Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã; Lisboa,* 1686.

(3) — *Compêndio da doutrina christam Na Lingua Portugueza & Brasílica* etc. Lisboa, Anno 1678 (*sic* por 1687).

Como Bettendorff morreu onze anos depois, em 1698, a data dêsse impresso não deve distar muito da feitura do catecismo brasiliano manuscrito.

(4) — "A quem, então, Deus criou primeiro como habitante da terra?"

No brasiliano caiu o objeto direto *î* do verbo *monhang* e a construção *ybypóramo — a título de habitante da terra* vem substituido, sem apócope eufônica de *pora,* pela desajeitada e malsonante *ypy pora rama — para ser habitante da terra,* de sabor luso.

(5) — "O que seria o primeiro pai da gente". Compare-se com esta construção, tão característica do tupi, o sentido da resposta em brasiliano: *Nosso primeiro pai* ou *nosso primeiro antepassado,* tradução literal do português.

Asé, de acepção geral, incluindo todo o gênero humano, cai em desuso no brasiliano, onde é substituído por *îandé — nosso, de nós todos,* que, embora tenha sentido inclusivo, é mais restrito do que *asé — gente.*

A idéia de futuro inerente ao complexo *rub-ypy-rama — que seria o pai primeiro* (dos que viriam a nascer), indispensável no tupi, cai no brasiliano.

2 — P. — Mbaé pe oî monhang setéramo?(6)
R. — Ybyuuma nho(7).

3 — P. — Yby anhó nipó asé roó?(8)
R. — Yby anhó(9).

4 — P. — Marã te pe asé rekoû o gûeõ riré ne?(10)
R. — Ybýramo i nhemonhang îebyrë ne(11).

5 — P. — Umã me pe Tupã aipó îandé rubypy retèrama monhangi?(12)
R. — Nhũ damasceno serëbae pupé(13).

6 — P. — Mbaé pe oî monhang i ángamo?(14)
R. — Nã mbaé ruã(15).

---

(6) — "Que transformou êle em corpo?"
A segunda construção da pergunta em brasiliano é a imitação servil do português: "De que fez êle o corpo dêle?" O mesmo vale para a segunda resposta.

(7) — "Apenas barro". *Suí*, que vemos no brasiliano, na pergunta e na resposta é um lusismo inadmissível no tupi.

(8) — "A nossa carne é então apenas terra?" Note-se que em lugar de *yby uuma — terra mole pastosa*, o brasiliano tem *yby piranga — terra vermelha, argila*, usada na cerâmica.

(9) — "Terra sòmente". O têrmo brasiliano *suigûara* é inadmissível no tupi.

(10) — "Qual é então a condição da gente após a (sua) morte?"
Tanto a pergunta como a resposta vêm modificadas no brasiliano, com grave prejuízo da sua originalidade primitiva.

(11) — "Voltará a fazer-se em terra".
A forma paroxítona *rama*, velho sufixo tupi do futuro nominal, toma no brasiliano também o sentido da posposição tupi átona *ramo, amo*, eliminando-a do seu vocabulário, e, com ela, uma expressiva forma idiomática do tupi.

(12) — "Onde criou Deus o corpo dêsse nosso primeiro pai?
No brasiliano, o verbo *monhanga* ficou sem o pronome obrigatório, que no tupi é representado pelo *i* final. É a terceira pessoa relativa do pe. Figueira (*Gramática*, p. 94-98), ou a conjugação subordinada do pe. Lemos Barbosa (*Curso*, pp. 212-215), que o brasiliano vai eliminando aos poucos da sua sintaxe com tantas outras peculiaridades do tupi antigo.

(13) — "Num campo chamado damasceno". O sufixo verbal e adjetival *bae — o que*, perde no brasiliano muito da sua primitiva projeção. Aqui a fim de evitá-lo, o brasiliano substituiu a expressão tupi: — *serëbae — que de (seu) nome*, pela equivalente mais vaga de *îaba — dito*.

(14) — "Que transformou êle em alma?"
Compare as notas 6 e 11.

(15) — "De cousa alguma".
No catecismo brasiliano não aparece apenas o tal *nitio*, mas a resposta tôda é um lusismo sintático no lugar da interessante construção tupi.

7 — P. — O manõbae pe asé anga?(16)
R. — N'o manõbae ruã(17).

8 — P. — O îekuá pe?(18)
R. — Nd'o îekuabi(19).

9 — P. — Maránamo pe?(20)
R. — O gûeté eýmamo nhe(21).

DOUTRINA EM LÍINGUA GERAL VULGAR, DO PE. BETTENDORFF — DA CRIAÇÃO DO PRIMEIRO HOMEM (fl. 16, Cap. IV)

1 — P. — Abá pe erimbaé Tupana o monhang ypy ybypora rama?
R. — Îande paîypy, *ou*: îandé ramũîypy

2 — P. — Mbaé taé oî monhang setèrama? ou: mbaé suí o monhang seté?
R. — Yby piranga; *ou*: yby piranga suí.

---

(16) — "É mortal a nossa alma?"
Pouca diferença faria no brasiliano a substituição de *o manõbae — é mortal* por *o manõ — morre êle*, se não faltasse a partícula interrogativa (*pe* etc.) com *oirandé* o brasiliano forma aí desajeitado futuro.
Quanto à substituição de *asé* pelo lusismo *îandé*, veja a nota 2.

(17) — "Não é mortal".
Para um tupi a forma brasiliana devia parecer impagável.

(18) — "É visível?"
O verbo tupi *îekuaba — ser visível, aparecer* tomou no brasiliano a forma *îekuaûb*, mas restringindo o sentido para *reaparecer o que estava perdido*. Não cabia, assim, nesta pergunta, sendo substituído pela rebarbativa combinação *sepiak kuab — podemos vê-lo*, de sabor luso.
Note-se aí o pronome exclusivo absoluto *oré*, que não encontra justificativa.

(19) — "Não é visível".
A resposta brasiliana conserva da língua tupi apenas as aparências vocabulares.

(20) — "Por que".
Essa pergunta tão vernácula vem substituída no brasiliano pela tradução literal do português *por que?*

(21) — "Por não ter corpo".
Note-se aí a substituição da forma reflexa idiomática *corpo seu próprio* pela inadmissível de *sete — corpo dela*. Repare no uso do verbo *rekó — ter*, que dá à resposta em brasiliano o sabor claramente português: *por não "ter" corpo*. O sentido adjetival dos nomes vai-se perdendo a olhos vistos no brasiliano e com êle uma das feições mais originais do tupi primitivo.

3 — P. — Yby suigûara nho îandé roó?
R. — Yby suigûara nho.
4 — P. — Aérame maîaûé îa ikó îa manó riré?
R. — Ybyrama îa nhemonhang îebyr korí.
5 — P. — Umáme taé Tupana aipó îandé ramũî ypy retèrama monhang?
R. — Nhũ pupé, ou: oîepé campina pupé, Damasceno îaba.
6 — P. — Mbaé suí taé o monhang i anga?
R. — Nitio mbaé suí.
7 — P. — O manó oirandé îandé anga, îandé roó îabé?
R. — Nitio o manó.
8 — P. — Oré sepiak kuab taé îandé anga?
R. — Nitio oré sepiak kuab.
9 — P. — Mbaé resé?
R. — Nitio seté o gûerekó resé.

Como o pe. Bettendorff diz, que traduziu êsse catecismo em língua *geral irregular e vulgar* usada no seu tempo, é de presumir, que, pelo menos a maioria das discordâncias léxicas e sintáticas entre êste e os outros catecismos, por êle publicados em tupi, provém de modificações no falar corrente. E, quem as poderia aquilatar melhor do que Bettendorff? Ao demandar as missões do Estado do Maranhão era versado nas línguas clássicas e falava diversas outras do Velho Mundo. A êsse cabedal juntara as observações de trinta anos de íntima convivência com a população variadíssima da Amazônia e do Maranhão.

Pois bem; a linguagem *vulgar, que Bettendorff* nos fixou no ms. 1.089, é muito diferente do verdadeiro tupi local em que redigiu o catecismo publicado em 1687([21a]); já não é mesmo o tupi do *Vpb*. visìvelmente composto entre tupinambás levemente aculturados. Entretanto, também não é ainda a algaravia divisada através dos verbetes do *Dpb*.

Todos os trabalhos em dialeto brasiliano até hoje publicados são da lavra de franciscanos, enquanto, como vimos salientando, os jesuítas se esforçavam por manter castiço([22]) e cultivar, qual novo latim, o primitivo tupi, como se vê claramente nas edições de 1686/87.

No entanto, o catecismo, a que acabamos de referir-nos em rápido comentário, é de um jesuíta e dos mais qualificados. Por essa composição se vê, que o pe. Bettendorff, por publicar a sua Doutrina, de 1687, em tupi clássico dos jesuítas, não deixou de dispensar a sua atenção de lingüista e missionário também ao tupi dos mestiços, ao tupi *irregular e vulgar*, acessível à parte maior da população civilizada do Maranhão e Grão-Pará.

Descambou, dessa forma, da linha rígida jesuítica também nesse ponto, como em outros já fôra *de compromisso*, afastando-se das rígidas diretrizes de Antônio Vieira, como, a lastimar, nos informa Serafim Leite([23]).

Deveremos ver nessas idéias dos jesuítas o motivo de haver ficado inédito o catecismo brasiliano de Bettendorff? Seria essa língua *irregular e vulgar* considerada indigna da letra de fôrma pelo consenso geral dos superiores jesuítas?

O fato é que nenhuma das obras em brasiliano foi publicada na época.

Para o estudioso da lingüística indígena comparada os textos acima transcritos constituem a primeira amostra, que foge ao mero confronto de formas léxicas e põe a nu as alterações muito mais expressivas na construção da frase brasiliana.

B — O CÓDICE N.º 69

O manuscrito n.º 69 é um códice realmente precioso para os estudos do desenvolvimento cronológico do tupi, embora exija exaustiva análise preliminar.

São de vária ordem os ensinamentos das partes de que se compõe. É um conjunto de trabalhos de mais de um autor e de pelo menos dois copistas.

Consta de 407 pp. numeradas e de 3 inumeradas.

Delas, as 229 primeiras contêm matéria gramatical; de pp. 231-234 enumeram-se os *Graus de parentesco;* as pp. 237-353 trazem um *Dicionário da Língua-geral do Brasil;* a p. 355 contém os pronomes verbais e os absolutos com os seus dativos; a ela seguem quatro páginas, de 356-359, com as designações das partes do corpo humano; nove páginas sôbre os advérbios, de 361-369; um catecismo resumido, de pp. 370-379; diretrizes para

([21a]) — Veja a nota 3.

([22]) — As alterações da primeira para a segunda edição do catecismo do pe. Araújo consistem principalmente na grafia racionalizada. Poucas palavras e expressões foram substituídas, por obsoletas.

([23]) — História; tomo VIII. p. 98.

a confissão de pp. 381-396; um aviso ao leitor, na p. 397; uma prática para ajudar a bem morrer, de pp. 399-406; uma *Advertência* do autor, à p. 407, para terminar com os dias de missa e jejum obrigatórios, em 2 pp. inumeradas.

A fôlha-de-rosto tem os dizeres seguintes:

Gramática / Da Língua geral / do Brazil / Com hum Diccionario dos voca / bulos mais uzuaes para a intelligencia da dita Lingua.

Dêsse título se conclui, que a gramática e o dicionário, porventura de autores diferentes, foram reunidos por alguém. Êsse mesmo ou algum outro deve ter acrescentado ao conjunto inicial as composições menores.

1. *A Gramática da Língua-Geral do Brasil.*

A letra da gramática é relativamente moderna, assim como a do léxico até aos verbetes de iniciais *an*. Daí por diante o copista foi outro, pois a letra tem cunho muito diverso.

Os ensinamentos gramaticais testemunham uma fase relativamente longa de aculturação. Muito há que ainda lembra os preceitos do pe. Figueira, mas bem raras são as modalidades antigas, que já não tenham outras, onde transparece a influência da língua portuguêsa.

Pelos paradigmas das conjugações poderíamos julgar de somenos importância as alterações introduzidas, mas a sintaxe mostra, que muito pouco ficara na prática das formas primitivas. Os vocábulos modificam-se relativamente pouco comparados à construção da frase; entretanto, ainda assim, avultam certas alterações pela freqüência do seu emprêgo.

1.º A substituição da negação *na.....i* — *não* pelo complexo preposto *nitibi*(24).

2.º No optativo a partícula *mã*, posposta no tupi com os seus compostos(25), são substituídos pelo hibridismo *tomáramo*(26), que antecede o verbo com o seu pronome.

3.º O tão característico futuro do pretérito toma, por metaplasmo assaz freqüente entre o tupi e o guarani, a forma *rangûera* em lugar de *rambûera*(27), por influência do tupinambá.
Assim também encontramos o sufixo do pretérito *pûera* transformado em *kûera* nos nomes do brasiliano(28).

4.º O pronome absoluto *i* — *êle, ela* é substituído por *aé* e *êles, elas* por *aûã*, que no tupi têm o sentido de *êsse(s) mesmo(s), essa(s) mesma(s)* (29).

5.º Os pronomes específicos do gerúndio *gûi* — *eu, e* — *tu* cedem o seu lugar aos equivalentes mais comuns *a* e *eré*(30).

6.º O *possessivo-pronome xe ou ixé* — *eu, meu* começa a tomar as formas *se* e *isé*(31).

7.º O pronome verbal invade o domínio do absoluto(32).

8.º A variante *nhe* do pronome reflexivo *îe* cai em desuso(33).

9.º *Rekó* — *ter* começa a ser usado como auxiliar, à imitação do português(34).

Nos substantivos, excetuados os nomes de parentesco, desaparece o índice de classe superior *t*, sendo substituído por *s*(35).

O sentido adjetival dos nomes vai-se perdendo com a introdução dos verbos auxiliares *rekó* — *ter* e *ikó* — *ser, estar*, por influência do português(36).

Há casos de adjetivos prepostos(37). Em lugar da partícula interrogativa simples *pe* vemos regularmente *tá* ou *taé*.

As regras da apócope e do abrandamento são desprezadas amiúde, com graves conseqüências para a eufonia e infração frontal da clara Advertência I. a pp. 118-119.

---

(24) — Páginas 14 e ss.
(25) — *Temomã, meimã, meimomã.*
(26) — Páginas 4 e ss.
(27) — Páginas 13, 33 e outras.
(28) — Como, para citar apenas um exemplo, *kokûera* por *kopûera* — *capoeira*, isto é *roça abandonada*, da qual o mato já tomou conta.
(29) — Páginas 111 e 129.
(30) — Página 159 e outras.
(31) — Páginas 129 e 130.
(32) — No exemplo *a îuruseî* etc. p. 158 e em vários outros.
(33) — Página 125.
(34) — Página 138.
(35) — Páginas 112-113.
(36) — Página 138.
(37) — Página 109.

Nestas considerações em tôrno à *Gramática da Língua Geral do Brasil* do códice 69 deixamos de referir longa série de alterações, que podem ser consideradas menores, quando examinadas isoladamente; num texto, entretanto, o efeito cumulativo de várias, próximas umas às outras, pode desfigurar a frase a ponto de a tornar irreconhecível ao tupinista pouco prático.

Não há referência alguma ao emprêgo divergente de *gûasú, usú,* o que se explica pela fusão de ambos na forma brasiliana *osú*(38).

Comparando a gramática do códice 69, ao respectivo dicionário, um julgamento apressado poderia levar-nos, mesmo assim, a atribuirmos a gramática não apenas a outro autor, mas ainda a época muito anterior à do léxico.

É que o autor da primeira parece ter trabalhado sempre à vista dos velhos compêndios clássicos, misturando os seus ensinamentos a locuções colhidas entre grupos, que se achavam evidentemente em estádios diversos de desenvolvimento. Talvez seja a êsse procedimento que devamos atribuir certas divergências entre a gramática e o dicionário, como:

	Gramática	*Dicionário*
amanhã	— oirandé	— orandé
então	— aérame	— aramé
nada	— nitibi	— nitio mbaé
não	— na ..... i, na, umé, eyma, nitibi, nitio;	— nitio
por que?	— mbaé arama ta?	— mbaèrama resé?
vir	— îore	— ur

Mas, tenhamos sempre presente, que o brasiliano não é um dialeto uniforme como o tupi jesuítico. Entre cêrca de 1580 e 1760 houve, de contínuo, tribos, que falavam um tupi relativamente original, ao lado de camadas de mestiços e índios em escalas das mais díspares aculturações lingüísticas.

Tivemos, assim, com o correr do tempo, não apenas um, mas todo uma gama de dialetos brasilianos.

Certamente é a essa desnorteante diversidade que se refere o autor ao desabafar o seu desalento à página 168, nas seguintestes palavras:

(38) — Compare o nosso estudo *Gûasú — Usú*.

"Além das *embrulhadas* acima se usa..." e, depois de enumerar mais algumas construções, distingue umas das outras segundo a generalização do seu emprêgo.

Êsses modismos nórdicos, na sua marcha contínua de aculturações deram finalmente origem ao nheengatu, o último estádio da outrora soberba *língua brasílica,* ou *tupi*.

2. DICIONARIO DA LÍNGUA-GERAL DO BRASIL

Enquanto a gramática do códice n.º 69 é tôda ela de letra uniforme, o dicionário foi trasladado por dois copistas, cabendo ao primeiro, possìvelmente o mesmo da gramática, tão só as páginas de n.º 237 a 255, ou seja até às iniciais *an*.

Tem conexão incontestável com o *Dpb,* mas é, no seu todo, *algo* mais pobre do que êste, ainda que traga os lusismos excluídos na edição de frei Veloso. Em muitos casos a comparação dos dois elucida certas dúvidas criadas pela freqüente troca de vogais, que, em alguns casos, provirão de variantes dialetais.

Para conservar certa uniformidade no confronto escolhemos para êsse fim a mesma lista, que nos serviu de base ao capítulo dos *Estudos Comparativos do Vlb. com o Vpb. o Dpb. e o Dbp*.

O resultado é altamente sugestivo, tanto mais, quanto é confirmado em suas linhas gerais por comparações de verbetes salteados.

Da mencionada relação,

12 por cento, ou sejam 22 palavras, não constam do *Dlg*. 69.
8 por cento, ou apenas 14 palavras divergem do *Dpb*. e do *Dbp*. da *Pm,* enquanto
80 por cento, ou sejam 148 do total de 184 palavras conferem com as do *Dpb*. e *Dbp*. da *Pm*.

Por outro lado, dos 162 verbetes figurantes, 28 por cento, ou 45 palavras, conferem com o *Vpb,* mas apenas 5 por cento, ou 8 palavras, se encontram no *Vlb*.

Nada mais expressivo do que êsses números para mostrar a distância do *Dlg*. 69 do *Vlb*. e a sua íntima ligação com o *Dpb*.

Não encontramos indicações expressas de data ou lugar da feitura dêsse *Dlg*. mas há nêle um verbete, que nos permite circunscrevê-los em parte através do têrmo *anil* com o seu comentário:

Anil — *caá ũ* — só no Marajó(39). Serve muito a frase para quem quiser fazer rêdes(40).

Desta definição é lícito deduzir, que o autor residia na Amazônia, da qual conhecia peculiaridades léxicas, e, numa época em que o *anil* já achara aplicação na tintura dos fios para a fabricação das rêdes. Como vimos(41), essa particularidade coloca a feitura do *Dlg*. 69 em época posterior à terceira década do século dezoito.

O verbete *anil,* entre outros, também prova que êsse *Dlg. não* é mera reprodução do *Dpb*.

Quanto à sua autoria, pelos motivos já expostos, estamos inclinado a atribuí-la a um franciscano(42). Não há o verbete *padre de missa,* mas figuram *frade de missa* e *frade leigo*.

3. NOMES DAS PARTES DO CORPO

A letra dêste capítulo é igual a do *Dicionário* a partir dos verbetes de iniciais *an*. Entretanto, há na lista de pouco mais de três páginas uns vinte têrmos indígenas, que não coincidem com os do léxico e sugerem fonte diversa. São, além de outros, os correspondentes a:

barba,	calcanhar,
barriga da perna,	corpo,
bofes,	cotovêlo,
braço,	fel,
perna,	sangue,
pestanas,	tripas,
pulso,	veia
quadris,	etc.

O fato não pode deixar de causar espécie, quando se considerar o teor da nota, que segue à enumeração dos têrmos:

"Se estes vocábulos, que aqui te ponho das partes do corpo não os achares a teu modo....., ao uso novo, se algum houver, procura-os *pelo corpo dêste volumezinho, que atrás te deixo,* e, se ainda lá os não achares, vai procurá-los à tua casa, ou vai procurá-los a quem melhor t'os diga, e eu muito favor te faço em t'os pôr aqui todos juntos. E, se algum faltar mais, da mesma maneira vai procurá-los. Vale".

O tom bazofeiro dessa recomendação lembra vivamente o gramaticão do *Livro do Advérbio,* a quem D. Paula Martins dedica umas linhas(43) e ao qual ainda vamos referir-nos a seguir.

Há, porém, no aludido posfácio uma alusão, que, embora comprometa o saber do compilador e diminua o apregoado serviço, constitui para nós uma indicação esclarecedora: é o conselho: "..... procura-os pelo corpo deste volumezinho, que atrás te deixo".

Alude aí evidentemente ao *Dicionário* dêste códice n.º 69, com a exclusão da *Gramática,* cujas 235 páginas, acrescidas das 115 do léxico, excederiam com certeza os limites de um *volumezinho,* pelo menos na apreciação do imodesto mentor.

Os Nomes das Partes do Corpo acompanharam, pois, inicialmente o *Dicionário,* coligido pela mesma pessoa, ou extraído de outro manuscrito.

Por outro lado, a *Gramática,* tanto pelo tom como pelo método comparativo, parece de pena mais competente, ainda que a fôlha-de-rosto do códice 69 se refira à Gramática e ao Dicionário.

4. OS ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS

As páginas, que, logo de início, nos chamaram a atenção, foram as dedicadas à enumeração dos advérbios, principalmente pelo proêmio, que, embora menos fanfarrão, lembra à pri-

---

(39) — *Caá ũ* corresponde a *kaá una* no tupi e se traduz, de conformidade com o que deixamos exposto no capítulo *O Anil no Léxico Tupi,* por *matéria preta ou escura de erva* e não por *erva* ou *fôlha preta,* como a maioria estará inclinada a traduzir.

(40) — Temos aqui *ũ* (*una*) — *preto, escuro* em lugar de *oby* ou *ugûy, ybi* — *azul,* usados em outros léxicos nórdicos. *Kaá ũ* seria têrmo adotado por mestiços ou índios aculturados da ilha do Marajó, pois vinha ocupada por *nheengaíbas,* índios não tupis, ao tempo da Conquista.

A côr preferida para as rêdes era *azul,* mesmo entre os habitantes das cidades, segundo afirma W. Dampier.

Dampier's Voyages; edição de John Masefield. London, 1906; vol. II, p. 385.

(41) — No capítulo *O Anil no Léxico Tupi*.

(42) — Veja o capítulo *O Dialeto Brasiliano*. Nenhum jesuíta, pelos motivos expostos, chamaria a êsse dialeto de *Língua-Geral do Brasil* sem qualquer restrição. Compare o título do catecismo brasiliano de Bettendorff.

(43) — *Um Capítulo de Gramática Tupi;* Boletim Bibliográfico 12, São Paulo, 1946; pp. 136-147.

meira vista o tal *Livro do Advérbio,* publicado por D. Paula Martins, a quem tantos outros serviços devem os estudos tupis(44).

Êsse capítulo anônimo sôbre os advérbios encontra-se, portanto, ao menos em dois códices, ainda que ligeiramente diverso, devido a um ou mais aproveitadores. Para mais fácil cotejo transcrevemos a seguir o preâmbulo do códice de Coimbra, que não tem cabeçalho.

> "Todo o gramático saberá, que as partes da oração são oito e não trato aqui delas, porque não componho por ora a arte e *nem mestre sou dela*(44a), mas sim só trato do advérbio por ser muito preciso e por te tirar o trabalho de os procurares em diversas partes e juntamente não saberes dos que ao presente se usam (!); e, como gramático saberás, que os advérbios são muitos e por êles comumente perguntamos e respondemos.
>
> É sem a mais mínima dúvida, que o advérbio, sendo parte da oração, não rege caso, mas, posto nela, dá fôrça aos nomes e aos verbos para significarem com mais energia, razão por que t'os porei aqui por sua ordem, segundo o modo com que hoje se usam".

Por essa introdução sabemos que o autor do capítulo dos advérbios é um estudioso, mas longe ainda de merecer o título de *grande* língua, pois declara-se incapaz de, na ocasião, escrever uma gramática, por não ser mestre da língua.

Nem tanto fôra preciso confessar; a pobreza da sua lista de advérbios e dos seus comentários a respeito mostra-o claramente.

Parece que o fito principal do autor anônimo foi dar as formas usuais dos advérbios mais correntes na época e região, visto como das consignadas pelos velhos mestres jesuítas do tupi muitas não se empregavam nos rincões do Norte, ou se haviam tornado obsoletas, desnorteando os principiantes nos estudos brasílicos, que recorriam aos compêndios jesuíticos.

Vejamos alguns exemplos tirados de três resenhas: do *Vlb.* do *Vpb.* e do capítulo ou *Livro dos Advérbios*.

(44) — *Idem, Ibidem;* — Faz parte de um conjunto de manuscritos, de onde frei Conceição Veloso extraiu o *Dpb*. Êsse códice, que hoje se acha na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foi examinado por D. M. de L. de Paula Martins e dêsse trabalho nos dá conta em suas *Notas Referentes ao Dpb. e Dbp*. Boletim Bibliográfico, 12; pp. 121-147. São Paulo, 1946.

(44a) — O grifo é nosso. Do trecho se deduz que a gramática não é do compendiador dos advérbios.

À tarde	—	*Vlb.*	karúk-eme(45);
		Vpb.	idem;
		L. Adv.	karuka ramé.
debaixo	—	*Vlb.*	gûyrë pe;
		Vpb.	idem;
		L. Adv.	ur pe.
depressa	—	*Vlb.*	kurutẽi;
		Vpb.	koritẽi;
		L. Adv.	kurutẽ.
então	—	*Vlb.*	aé reme(45).
		Vpb.	idem;
		L. Adv.	aramé.
hoje	—	*Vlb.*	oîei;
		Vpb.	ojí;
		L. Adv.	hoîei.
onde?	—	*Vlb.*	umã me pe?(45)
		Vpb.	mamó pe? mame?
		L. Adv.	mame?
por que razão?	—	*Vlb.*	Maránamo pe?(46)
		Vpb.	*idem,* e vulgar (!) *mbaé resé?*
		L. Adv.	mbaé resé.

etc. etc.

A verificação de que também não existe concordância perfeita, entre a gramática, o dicionário e o capítulo dos advérbios, três compilações do mesmo códice N.º 69, não deve surpreender, mesmo nas partes declaradamente do mesmo autor. As divergências locais e a utilização de compilações outras tornariam difícil a estrita uniformidade.

O colecionador de advérbios termina o capítulo com algumas palavras a respeito das interjeições, que arremata nestes têrmos:

(45) — Complexo proparoxítono.

(46) — O acento tônico cai na sílaba *ra* e o subtônico na partícula *pe*.

"E, já que falamos em interjeições, te direi algumas, que mais se usam nesta língua; e, também saberás, que pelas interjeições se manifestam os afetos do ânimo, que são quatro, a saber: Alegria, tristeza, ódio e amor".

Infelizmente, das quatro interjeições que cita, duas não cabem nestes estados ou impulsos d'alma referidos:

tomáramo — que exprime *desejo*, e
xo — que traduz *espanto*.

Não poderia ser mais decepcionante o final do vôo rasteiro dêsse pretensioso autor de uma simples e falhíssima compilação de advérbios brasilianos.

No mais, veja o que dissemos sôbre o tal *Livro do Advérbio* no capítulo *O Dicionário Português-Brasiliano e Brasiliano-Português*.

5. ORAÇÕES, CATECISMO E CONFESSIONÁRIO

As páginas de números 371 a 406 do códice 69 contêm a parte que diz respeito ao ensino religioso. Lingüisticamente a matéria divide-se em duas secções. As orações, os mandamentos, sacramentos, pecados, as virtudes teologais e os novíssimos vêm transcritos no tupi antigo do catecismo do pe. Araújo, II. edição. Alguns erros devem ser atribuídos ao copista(47).

Daí por diante as perguntas e respostas são redigidas no dialeto brasiliano do século dezoito, o que fàcilmente se pode comprovar cotejando o texto com o do catecismo brasiliano de Bettendorff, do qual parte das formas léxicas ainda pertence à fase de transição anterior, como se verifica na lista a seguir.

Catecismo Brasiliano de Bettendorff códice 1809	*Catecismo do Códice* 69	*Português*
a	xa	eu
aanangaí, nitio mbaé	nitio mbaé	nada
aérame	aramé	então
agûera	akûera	suf. do pretérito
anhanga, îuripari	îuripari	diabo

(47) — O copista parece ter sido pouco versado em tupi, pois comete diversos erros. Escreve *tokûar* por *tekûar* e *îabîonondara* por *îabîondûara; îekûakupoîa* por *îekûakupûaîa* e *reanondé* por *reô ianondé* etc.

Catecismo Brasiliano de Bettendorff códice 1809	*Catecismo do Códice* 69	*Português*
aoba	oba	pano, roupa
asé, mira	mira	gente
bae	ûaé	(suf.) o que
barriga	marika	barriga
cruz, crusá	crusá	cruz
gûasú, usú(48)	usú	grande
karaí bebé	karibebé	anjo
maenduar	menduar	lembrar-se
maránamo pe? mbaé resé?	mbaé resé?	por que?
reme, ramé	ramé	se, quando
tabusú	mairí	cidade
takypûera	sakakûera	atrás
tekateyma	teká ateyma	avareza
tuba	paîa	pai
xe	xe, sé	meu

Desta pequena lista se depreende claramente como os lusismos se vão incorporando e adaptando, enquanto o tupi se deteriora em escala acelerada depois de Bettendorff, ~~isto é, a~~ partir de cêrca de 1700.

É importante, senão decisiva, a contribuição dessa parte do códice 69 para a fixação do meio geográfico, em que foi elaborada, assim como da cronologia dos compêndios brasilianos em geral.

À página 397, o autor anônimo termina o seu *Confessionário* por uns conselhos *Ao Leitor* e data:

20 de 7bro — *Valẽ* — de *1750*.

A seguir, a *Prática para ajudar a bem morrer* vem arrematada, à p. 407, por uma *Advertência* em meio à qual há estas palavras: "..... já se não podem hoje verificar neste Pará ....."

(48) — Bettendorff no seu catecismo brasiliano ainda emprega, na maioria dos casos, as formas *gûasú* e *usú* de acôrdo com as regras tupis: *kûar-usú, pytun-usú, ygara usú, patuá gûasú, tatá gûasú* etc. Encontra-se, entretanto, algum raro exemplo discordante, como *mutuú asú*. Com o tempo, o brasiliano aboliu *gûasú*, generalizando, com raríssimas exceções, a segunda forma, na grafia *oçú*, ou seja o nosso *usú*.

Compare o nosso extenso estudo:

Gûasú — Usú e as suas variações nos principais dialetos tupi-guaranis.

Considerando, que, pela sua feição, as lições e recomendações nos capítulos do *Advérbio,* dos *Nomes das Partes do Corpo* e do *Confessionário* fluiram evidentemente da mesma pena e como nelas alude ao vocabulário, "..... que atrás ..... deixo .....", podemos afirmar, sem receio:

1.º Tanto o *Dicionário* como os capítulos dos *Advérbios,* dos *Nomes das Partes do Corpo* e do *Confessionário* são do mesmo autor.

2.º Essas partes do códice 69, foram concluídas em 1750.

3.º As formas léxicas dessas partes do códice 69 correspondem, em linhas gerais, às registradas no *Dpb.* e *Dbp.*, principalmente, se levarmos em conta os numerosos erros de transcrição existentes nestes últimos.

4.º Tanto o *Dicionário,* conforme deixamos indicado no respectivo comentário, como a *Advertência* final, colocam a feitura de mais êsses trabalhos expressamente na região do Baixo-Amazonas.

C — O CÓDICE N.º 81

O códice 81 traz no ante-rosto o título

DICIONARIO
da
LINGUA GERAL DO BRASIL

O frontispício tem os seguintes dizeres:

Dicionário / Da / Lingua Geral Do Brasil / que se falla / Em todas as Villas, Lugares, e Aldeas / deste vastissimo Estado.

Segue uma sigla no meio da página e depois a indicação:

Escrito na Cidade do Pará
Anno 1771

As ff. de 1 a 5 trazem o paradigma da chamada primeira conjugação e as ff. de 6 a 164 um dicionário brasiliano.

O paradigma é uma adaptação brasiliana do que vem na gramática do pe. Figueira, mas não contém as variações, que se encontram no esbôço gramatical do códice 69.

O modêlo figueirense, certamente um tanto anacrônico na época, deu a certos modos e tempos um cunho mais primitivo do que o do brasiliano de Bettendorff, principalmente na conjugação negativa; algumas formas participais, ao contrário, indicam deperecimento maior.

O *Dicionário* dêste códice 81 é algo mais rico do que o *Dpb.* e o *Dbp.* da *Pm.* e êstes, por sua vez, são bem mais desenvolvidos do que o dicionário do códice 69.

Mas, o que surpreende é que o *Dlg.* 81 é de um brasiliano mais primitivo, mais próximo do tupi do que o daqueles, a despeito de trazer a data de 1771 e de ser da mesma região. Lingüisticamente coloca-se êsse léxico entre o catecismo brasiliano de Bettendorff e o *Dpb,* porém é muito mais chegado ao primeiro, servindo-lhe sofrìvelmente à compreensão.

É fácil provar o que aí afirmamos. Ao compararmos os verbetes da nossa lista contida no capítulo *Estudos Comparativos do Vlb. com o Vpb. o Dpb. e o Dbp.* aos correspondentes do códice 81, verificamos as proporções a seguir:

12,50% ou 23 daquêles têrmos não figuram no códice 81;
52,70% ou 97 vocábulos divergem do *Dpb.* e do seu reverso, enquanto apenas
34,80% ou 64 vocábulos conferem com os do *Dpb.* ou do seu reverso.

Por outra forma, dos 161 verbetes figurantes no códice 81,
45,30 por cento ou 73 vocábulos constam do *Vpb.* e
26,70 por cento ou 43 vocábulos figuram no *Vlb.*

Êstes 72 por cento de formas léxicas constantes também, seja no *Vlb.* dos jesuítas, ou no *Vpb.*, o mais chegado ao mesmo, comparados aos 33 por cento do códice 69, confirmam a maior aproximação do *Dlg. 81* ao tupi antigo, a despeito dos enxertos relativamente recentes, que, evidentemente, o autor praticou.

A rigorosa observação das regras tupis relativas a *guasú* e *usú* no *Dlg.* 81 reforça positivamente as nossas conclusões acima(49).

O resultado dessa verificação no códice 81, confrontado com a sua data, a mais recente dentre as consignadas em manuscritos brasilianos, impõe a seguinte alternativa à conclusão: ou o códice 81 é cópia remaniada de resenha mais antiga, ou o seu autor o confeccionou em íntima convivência com índios tupis aculturados, de linguagem ainda mais próxima ao tupi do que a da população mestiça em geral, mas dela aproveitando ocasionais contribuições. Em qualquer das hipóteses é forçoso admitirmos influências fortuitas de consultas ou leituras.

Quanto à provável autoria, também aqui nos inclinamos a favor de qualquer frade, sugestionado pelos verbetes: *frade, fra-*

(49) — Veja a nota 48.

de leigo, cela de frade, hábito de frade, que dificilmente ocorreriam a um elemento secular ou leigo, visto que jesuítas já não havia na época.

RESUMO CRONOLINGÜÍSTICO DOS COMPÊNDIOS BRASILIANOS.

A aculturação lingüística dos índios nas diversas regiões do Brasil processou-se em épocas diferentes e com intensidade desigual.

A dos tupis costeiros começou muito cedo, como deduzimos dos têrmos indígenas contidos na *Notícia do Brasil,* de Gabriel Soares; mas, excetuando tais referências esparsas, não possuímos documentação alguma do seu desenvolvimento. A diminuta resistência física dos índios às epidemias trazidas pelos colonizadores, as mortandades causadas pelas represálias sangrentas e as fugas em massa reduziram a densidade populacional indígena a olhos vistos.

Por outro lado, o esfôrço dos jesuítas por conservar o cunho original do tupi na sua faina missioneira nos núcleos restantes isolados e o desinteresse pelas formas populares, tudo isso congregou-se para privar-nos de informações a respeito do tupi aculturado entre São Vicente e Pernambuco(50).

Ao Norte a miscigenação foi muito mais intensa. Ali não a houve apenas entre brancos e índios, mas, e em maior escala, entre índios das mais diversas famílias lingüísticas, favorecida, tanto pelos descimentos violentos dos colonos, como pelos aldeamentos jesuíticos conjuntos, através dos quais os padres procuravam conseguir, ao lado de melhor defesa, a aprendizagem geral do tupi. Concentrariam e simplificariam dêsse modo a catequese, em que as distâncias e a multiplicidade das línguas foram inicialmente os mais árduos problemas.

É, portanto, nos jesuítas que devemos ver além dos grandes cultores e defensores do primitivo tupi unificado, também os co-responsáveis do seu aviltamento em bôcas estranhas.

Parece, que, nas últimas décadas do Seiscentos, a língua-geral do Norte, o brasiliano, havia substituido o tupi nas relações sociais. O tupi era então cultivado exclusivamente na catequese das tribos tupis mais ou menos isoladas, até a expulsão dos inacianos, em 1759(51).

Do idioma que falavam tais tribos, na sua maioria tupinambás, de contatos intermitentes com a população mestiça do Estado do Maranhão de então, podemos fazer-nos uma idéia aproximada através do *Vocabulário Português-Brasílico*. Ainda que o *Vpb*. não seja cronològicamente o compêndio mais antigo, é êle um lídimo representante da fase inicial do brasiliano pelas características, que em outros compêndios vemos desenvolvidos por contatos mais freqüentes e convivência mais demorada.

Pelas referências às segundas edições do catecismo brasílico do pe. Araújo e da gramática do pe. Figueira, respectivamente de 1686 e 1687, o *Vpb*. é posterior a essa época e data provàvelmente das primeiras decadas do Setecentos, como o verbete *anil* nos leva a supor(52).

Ao *Vpb*. segue-se lingüìsticamente o *catecismo brasiliano* de Bettendorff, evidentemente o mais antigo dos escritos brasilianos por nós referidos.

Tendo o pe. Bettendorff morrido em 1698, e, tendo o manuscrito sido conservado em Portugal, é possível, que o levasse, em 1684, quando ali tratou da impressão de outros trabalhos(53).

Pelas suas formas léxicas aproxima-se visìvelmente do catecismo brasiliano de Bettendorff o *Dlg*. do códice 81, a despeito de parecer o mais recente, pela data de 1771, que traz no frontispício.

Cabe-lhe o terceiro lugar nos escritos brasilianos, seja por ser cópia de códice, mais antigo, seja por ter sido colhido entre índios menos aculturados. Neste último caso, os numerosos neologismos são enxertos respigados em ambientes outros, mais recentes ou mais aculturados.

Outros tantos verbetes portuguêses, que no códice 81 estão em branco, certamente porque na ocasião o autor não conhecia os correspondentes indígenas, parece reforçarem tal conjetura.

O quarto lugar, pelo desenvolvimento das formas léxicas, ocupa o *Dpb*. com o seu reverso da *Pm*.

É o mais conhecido dos escritos brasilianos e também o responsável por incontáveis erronias, que, a respeito do tupi, se tem espalhado.

---

(50) — Veja o nosso estudo intitulado *O Ensino do Tupi e do Português nas Missões do Brasil, segundo os Documentos Jesuíticos e a Palavra de Pombal.*

(51) — *Eckart, Pe. Anselmo —; Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung* etc. *in: Murr, C. G. von —; Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika;* Nuremberga, 1785. pp. 538 e 562.

(52) — Veja o capítulo que dedicamos a êste vocabulário.

(53) — Vimos acima que o catecismo não é autógrafo.

É à suposição generalizada de ser o *Dpb*. um léxico do tupi original, que se deve atribuir o desabafo público de um mestre guarani ao dizer-nos, *que o tupi é um dialeto tupi-guarani mal ouvido e pior representado*.

De fato, poucos ainda se capacitaram de que o *Dpb*. apresenta o léxico de um dialeto tupi de mestiços, como era falado no Norte quase duzentos anos após a vinda dos primeiros jesuítas, por uma população, que se diferençava dos tupis de 1549 por longa série de mestiçagens e aculturações. Ao lado dêsses fatos devemos levar em conta, que o brasiliano se desenvolveu numa região, onde predominavam os tupinambás, cujos dialetos se distinguiam do tupi unificado por certas peculiaridades, que ressaltamos alhures(54).

Em conclusão, sendo a *língua-geral*, que nos apresenta o *Dpb*. bem mais recente do que a do catecismo de Bettendorff, a sua confecção não deve ser anterior à época sugerida pelo ververbete *anil*, isto é à terceira década do século dezoito.

Ao códice 69 cabe a mesma classificação atribuída ao *Dpb*. e ambos são intimamente relacionados. O *Dlg*. 69 é mais pobre do que o *Dpb*. A maioria dos seus verbetes é idêntica em ambos, mas, como em cada qual haja certo número, que falta no outro, não é provável, que qualquer dêles seja o original. Ao contrário, é de supor, que, tanto um como outro, representem o dedesenvolvimento independente de resenha anterior desconhecida. O capítulo do advérbio, presente também, com certas alterações, no manuscrito de onde foi extraído o *Dpb*, sugere a mesma conclusão.

Com isso não queremos negar que certas achegas provenham de áreas diferentes(55) e que a época da sua composição definitiva possa diferir algum tanto.

(54) — No capítulo *Em Lingüística, Tupinambá não é Sinônimo de Tupi*. ....

(55) — Veja o capítulo *O Anil no Léxico Tupi*.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

VII

O "ANIL" NO LÉXICO TUPI

I. ESBÔÇO HISTÓRICO DO ANIL NO BRASIL

É da Índia, que a Europa recebeu o primeiro anil e do Oriente também lhe veio, mais tarde, o nome português, que encontramos na literatura científica desde Garcia de Orta, em 1563.

No Brasil, onde existem indigóferas nativas, a extração do anil era desconhecida dos indígenas.

Por outro lado, não interessava, inicialmente, à côrte portuguêsa e muito menos à espanhola criar um concorrente ao anil da Índia, em detrimento de outros gêneros americanos mais necessários.

Por êsses motivos não encontramos referências ao anil no tratado minucioso de Gabriel Soares, como não o mencionam Fernão Cardim, frei Vicente do Salvador, ou mesmo Simão de Vasconcelos, que, recorrendo embora à ciência de Marcgrave, conservou-se um tanto alheio dos conhecimentos puramente botânicos.

Foi preciso que viesse a Restauração e Portugal sentisse melhor o pêso crescente do monopólio da Companhia Inglêsa das Índias Orientais, para serem permitidas no Brasil as sementeiras de indigueiros, "em terras impróprias à lavoura da cana de açúcar"(1). Essa permissão era, aliás, dispensável, pois abundavam indigôferas nativas, conforme atestam Jorge Marcgrave(2) e Maurício de Heriarte(3), mas o seu cultivo inten-

(1) — Provisão do Conselho Ultramarino, de 24 de abril de 1642; *apud*: *Pizarro — Memórias Históricas* etc. vol. II. p. 147.

(2) — *História das Plantas;* livro II. cap. I. pp. 57-59.

(3) — *Descrição do Estado do Maranhão*, no ano de 1662; Viena, 1874; p. 69.